

A CRISE E AS OPORTUNIDADES PARA UMA “AGENDA DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS” *Aprendizados de uma Mesa Redonda Nacional*

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire
Professor Titular da Universidade de São Paulo.

Caros companheiros e companheiras do Projeto GT *Crise & Oportunidade*. Eis algumas impressões da Mesa Redonda Nacional organizada pelo Projeto *Crise & Oportunidade*, em São Paulo, dia 10 de agosto de 2009.

Esse texto expressa meus sentimentos e aprendizados dessa notável reunião em que os assuntos econômicos acabaram não se distanciando de minhas preocupações educacionais, pois é a partir sobretudo do campo da educação, por dever de ofício, que devo situar minhas considerações, agregando algumas referências aos textos que foram disponibilizados no Blog <criseoportunidade.wordpress.com>).

Nota-se que a crise está, desde já, sendo uma oportunidade para reafirmar o **papel do estado na economia** e de reforçar **políticas sociais** de emprego e distribuição de renda: o poder de compra das pessoas mais empobrecidas, possibilitado pelo Bolsa Família, acabou se tornando, no Brasil, um fator de resistência à crise.

Mas, o que apareceu, desde logo nas discussões, é que a crise nos oferece a grande oportunidade de **rediscutir o modelo** de desenvolvimento e o próprio **conceito** de desenvolvimento, entendido não apenas como “crescimento econômico”; uma oportunidade a mais para discutir a questão mais profunda da *injustiça social* e da *desigualdade econômica*. Como diz Paul Singer, “a instabilidade é característica de qualquer mercado livre” (Paul Singer, maio de 2009, *Origem e conseqüências da crise mundial*. In: Blog <criseoportunidade.wordpress.com>).

A questão do modelo já está posta na região. Chamou-me muito a atenção no ano passado quando a Constituição do Equador introduziu o conceito indígena de “**bem viver**” (em vez de desenvolvimento) e adotou, como política de estado, o conceito de economia solidária. Mais do que um *conceito*, o “bem viver” é uma *prática* ancestral dos indígenas que consiste em ter um modo de vida equilibrado e em harmonia dos seres humanos entre si e destes com a natureza, onde se encontram todos os elementos (água, ar, terra...) de que precisa para uma vida saudável. Esse conceito só foi valorizado agora como “novo paradigma”, quando o modo dominante de viver hoje, que se fundamenta na exploração econômica, na dominação política e no esgotamento da mãe Terra, está pondo em risco a própria sobrevivência da própria espécie.

Esse debate implica a discussão do aquecimento global e das mudanças climáticas (gatilho de todas as crises), e o conseqüente “repensar do paradigma energético-produtivo”, como afirma Ladislau Dowbor (Ladislau Dowbor, 08 de junho de 2009, *Crise financeira: riscos e oportunidades*. (In: Blog <criseoportunidade.wordpress.com>). Uma mudança significativa no modelo implica pelo menos **duas dimensões**: o *desenvolvimento sustentável* e a *democratização do conhecimento*. Na primeira dimensão eu incluiria o conceito de economia solidária e desenvolvimento local (pequenos negócios, cooperativas, agricultura familiar, mutirões,) e, na segunda dimensão, a democratização

das comunicações (radicalização da democracia).

A saída seria “**includente e sustentável**”, como afirma Juarez de Paula (9 de maio de 2009, [Políticas de apoio ao desenvolvimento local](#). In: Blog <criseoportunidade.wordpress.com>. O dados do IPCC corroboram essa tese: se continuarmos na rota atual, o planeta não vai mais suportar a ação humana. A categoria **sustentabilidade** é central se pensamos num novo paradigma de vida que harmonize, ser humano, desenvolvimento e sistema Terra. O nó da sustentabilidade é o “crescimento sem limites”, como vem afirmando Ignacy Sachs e Amartya Sen, defendendo um “ecodesenvolvimento”. A crise econômica não pode esconder ou minimizar o tema da sustentabilidade. Ao contrário, a sustentabilidade é um conceito fundante do novo paradigma econômico.

A crise é uma oportunidade de mudanças significativas muito *além da dimensão financeira* e pode alcançar a melhoria da qualidade da educação e dos serviços de saúde. Como “convergência de crises” - efeito estufa, energética, água potável, alimentos e pobreza - (Ladislau Dowbor, 1 de julho de 2009, *A crise financeira sem mistérios: convergência dos dramas econômicos, sociais e ambientais*”. (In: Blog <criseoportunidade.wordpress.com>), devemos associar uma visão global a medidas práticas concretas desde já (sem ter a pretensão de consertar desde logo todo o sistema), e construir, como se propõe a convocatória para a Mesa-Redonda, uma “agenda de mudanças estruturais”. O gestor público certamente não poderá esperar todas as mudanças estruturais para tomar decisões, mas poderá introduzir medidas concretas para se chegar lá mais rapidamente e em tempo. Como diz John Holloway (*Como mudar o mundo sem tomar o poder*), o “conceito de revolução hoje”, implica organizar a resistência/transformação nas “fissuras” do sistema.

Como educador não vejo que haja justiça social e igualdade de oportunidades sem a extensão **educação de qualidade** para todos e todas. Se para crescer precisamos distribuir renda, crescer significa distribuir conhecimento que é a principal riqueza de que dispomos. Trata-se, acima de tudo, de tirar o empobrecido da miséria e transformá-lo em cidadão. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) sem um programa de *educação popular cidadã* só vai ficar na “infra-estrutura”, não incidindo na necessária transformação cultural das consciências. Envolver os movimentos sociais e as Ongs nesse processo é fundamental. Sem a sociedade, o estado não dará conta de fazer as necessárias “mudanças estruturais”. O Brasil está tendo um crescimento menor entre os países chamados de “emergentes” devido ao seu atraso educacional. Uma agenda de mudanças estruturais deve incluir a universalização da educação em todos os níveis.

Em seu livro *Histórica econômica do Brasil*, de 1945, Caio Prado Jr já argumentava que “a ausência de bom ensino compromete o desenvolvimento nacional e nosso intercâmbio com países mais avançados”. É sabido que um ensino ineficiente contribui diretamente com o baixo desempenho da economia. Uma educação de qualidade é condição da eficiência econômica; o sistema produtivo é também uma vítima da má qualidade da educação.

A **educação** não tem por finalidade servir à **economia**, mas indicar caminhos para a economia. O investimento em educação não deve ser feito apenas para fomentar a economia (visão instrumental da educação). A educação não deve ser entendida apenas como uma variável econômica ou como pura adaptação aos imperativos da economia informacional e global. Na educação precisamos sair desse paradigma profundamente ideológico e substituí-lo por uma *paradigma da cidadania*, cerne do desenvolvimento. O pensamento pedagógico não pode ser colonizado pela economia, como se a economia tivesse por função legitimar a política educacional. A educação não é apenas um investimento econômico.

Amarthia Sen, em seu livro *Desenvolvimento com liberdade*, sustenta que todos nascemos com potencialidades e a educação é a oportunidade de desabrochar essas potencialidades. A relação entre **Desenvolvimento e educação** estaria aí. A educação seria um *fator estratégico*, decisivo, mas não isolado de outros fatores. Normalmente a educação capitalista contribui mais como estratégia de competitividade (produtividade no trabalho e crescimento econômico) do que para o desenvolvimento humano integral, a cidadania e a justiça social. As pessoas não precisam competir para progredir, como nos vídeos games onde quem mata mais mais avança, ganha mais bônus (uma educação que promove o individualismo possessivo). Precisamos *cooperar para progredir*.

Finalmente, nossa “Agenda de Mudanças Estruturais”, além de se articular com agendas de outros países e de outros grupos, como propôs Paul Singer no final da reunião, deve dirigir-se à Sociedade, “seja qual for o governo, porque os movimentos sociais estão mudando este país” - disse ele - e deve também ser, segundo ele, uma agenda “pós-crise e oportunidade” para que a articulação e sinergia que se criou no grupo possa continuar perseguindo seus objetivos de embasamento científico e construção de alternativas. A metodologia do Blog foi muito elogiada.

Valeu. Vamos esperar o próximo encontro, ampliado, internacional, em Salvador Bahia), em janeiro de 2010, no processo do Fórum Social Mundial. Bom trabalho.